



‘Não vou não!’

O ministro do Interior chamou, mas o chefe dos gaviões disse não. Era uma festa, para comemorar um empréstimo do Banco do Brasil à sua tribo. Reportagem de Palmério Dória e Vincent Carelli

O chefe Krokrenum, hoje: opor do dinheiro, um verdadeiro gavião.

— Não vou não!
Foi assim que Krokrenum, uns 45 anos de idade, o chefe dos índios gaviões, reagiu a um telegrama que Rangel Reis lhe enviou mês passado. O ministro do Interior queria Krokrenum em Brasília, na assinatura de um crédito de financiamento do Banco do Brasil à tribo, que ia ser comemorada com uma festa.

— Se o ministro quer falar, ministro vem aqui.
A aldeia dos gaviões fica numa reserva de 50 mil hectares de floresta, cortada pela PA-70, a estrada que liga a cidade paraense de Marabá à Belém-Brasília. Quando passam pela estrada, os fazendeiros nacionais e multinacionais, que vem desmatando a área de cabo a rabo — olham com indignação para esse paraíso.

— É muita terra para esses índios sujos! — ouvimos um dizer.
Cento e trinta índios moram hoje nessa reserva — o Posto Mãe Maria, da Funai. Foi concedida pelo governo do Pará em 1965, antes que se iniciasse o avanço mais violento sobre a Amazônia. Se fosse agora, nem sonhando eles teriam um pedaço de terra do tamanho da fazenda dos Lunardelli, no sul do Pará.

A conquista da terra foi a primeira vitória dos gaviões, depois do contato com os brancos. O depoimento de Krokrenum começa com esse encontro, em 1957, com a frente de pacificação comandada por frei Gil Gomes Leitão, missionário da Prelazia de Marabá, e pelo tenente Hilmar Kluck, funcionário do antigo SPI.

Nessa época, os gaviões já não eram aqueles que espalhavam o pânico na região de Itupiranga, Marabá e Tucuruí, no Pará, defendendo suas terras da invasão de castanheiros e garimpeiros — uma guerra de 50 anos. Era 500 índios encurralados, divididos em vários grupos, e Krokrenum liderou o grupo que via no contato a única saída.

O contato, a doença, a morte. Para os 36 sobreviventes, uma nova história: meses de mendicância na cidade de Itupiranga, oito anos sem terra garantida — até o governo lhes conceder a reserva. Nesse lugar trabalharam 12 anos sob o regime do barracão, sendo explorados como mão-de-obra a torto e a direito, pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e depois pela Funai, em seu próprio território.

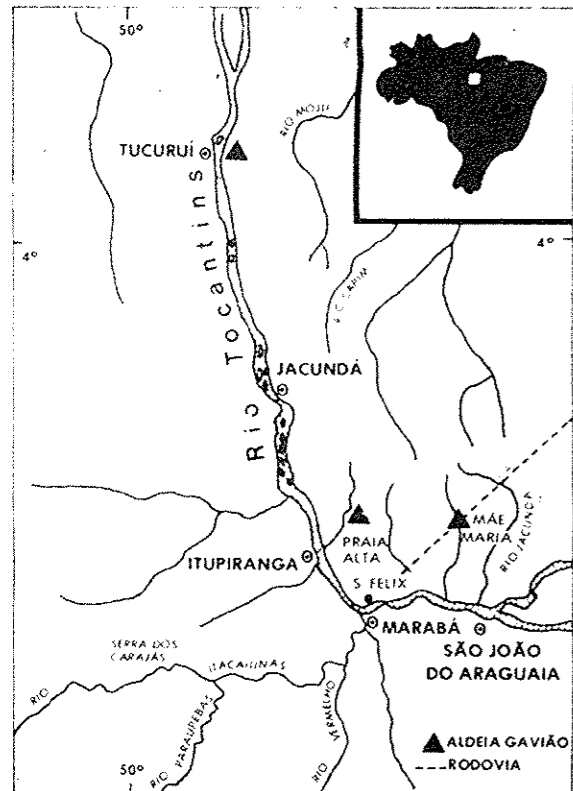
Mas em novembro de 75 eles assumiram o controle da exploração da castanha, através de um projeto de desenvolvimento comunitário da

Funai, coordenado pela antropóloga Iara Ferraz (recentemente afastada pelo ex-diretor do Departamento Geral de Operações do órgão, Francelisio Van der Broeke), os gaviões passaram a gerir a produção e comercialização da castanha — lucro líquido de 300 mil cruzeiros na safra de 76.

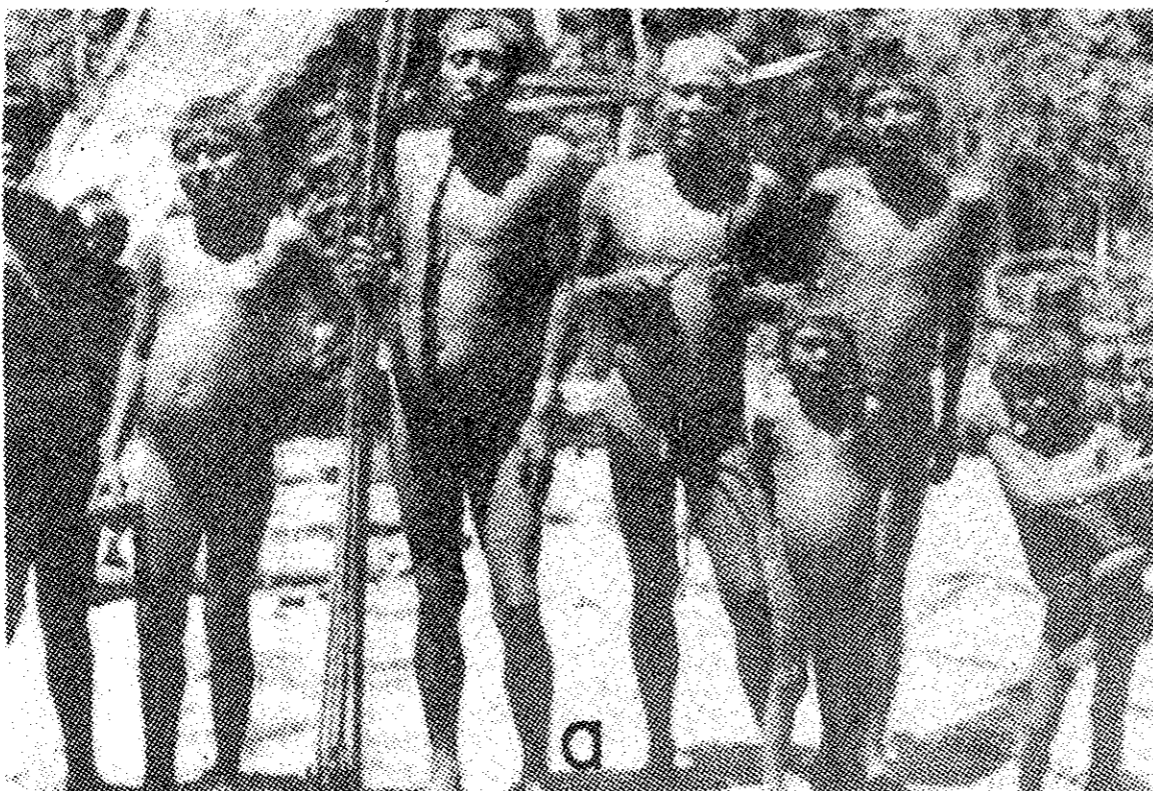
Agora tá bom, agora minha turma tá alegre!, diz Krokrenum. Depois de achatados anos e anos, os gaviões estão, digamos assim, voltando a ser índios, retomando suas festas e jogos tradicionais, deixando crescer o cabelo, trazendo de volta os parentes desgarrados entre os brancos.

Hoje médios produtores de castanha, investiram parte do dinheiro em letras de câmbio e negociaram, no fim do ano passado, um crédito de financiamento através do Banco do Brasil em Marabá — o primeiro empréstimo do banco a uma tribo — para financiar a safra deste ano.

Sentado na cozinha de sua casa, um rancho de palha todo aberto, onde muitos se reúnem de noite para conversar, Krokrenum conta e revive, em duas horas, os acontecimentos mais importantes desses 20 anos de contato com os brancos.



Já estão querendo mexer na boa terra dos Gaviões.



Na hora do contato, eles eram 500 gaviões. Mas, cinco anos...



...depois, eles eram apenas 36 mendigos de calça e paléto.

Cupên não engana mais Gavião

Coitado... nós parece porco no mato, só correndo, sem roça, sem nada! só comendo palmito, mais nada...

— Ah, desse jeito eu não aguento não! Vou mesmo chegar onde entra gente, quero chegar na certa com algum, aí vou ficar no meio do civilizado!.

— “Não, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que cupên (branco) mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá”.

— “Ah, desse jeito eu não aguento não! Vou mesmo chegar onde entra gente, quero chegar na certa com algum, aí vou ficar no meio do civilizado. Eu disse:”

— “Não, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que cupên (branco) mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá”.

— “Ah, desse jeito eu não aguento não! Vou mesmo chegar onde entra gente, quero chegar na certa com algum, aí vou ficar no meio do civilizado. Eu disse:”

— “Não, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que cupên (branco) mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá”.

— “Ah, desse jeito eu não aguento não! Vou mesmo chegar onde entra gente, quero chegar na certa com algum, aí vou ficar no meio do civilizado. Eu disse:”

— “Não, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que cupên (branco) mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá”.

— “Ah, desse jeito eu não aguento não! Vou mesmo chegar onde entra gente, quero chegar na certa com algum, aí vou ficar no meio do civilizado. Eu disse:”

— “Não, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que cupên (branco) mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá”.

— “Ah, desse jeito eu não aguento não! Vou mesmo chegar onde entra gente, quero chegar na certa com algum, aí vou ficar no meio do civilizado. Eu disse:”

— “Não, vocês estão com medo de morrer, então é o jeito. Mesmo que cupên (branco) mate nós, não tem problema, o jeito é a gente chegar lá”.

que nós vamos pegar doença... vamos demorar um pouco... deixa nós acostumar primeiro!”

— “Mas a turma tava teimando demais! Foram tudinho pro rumo de Itupiranga, atravessaram, conversaram com muita gente. Al mesmo pegaram doença, e quando atravessaram de volta, já veio morrendo no caminho, morrendo, morrendo tudo. Quando chegou tava tudo magro, magrinho... Al eu briguei com a turma, porque sempre quando a gente pegava facão em Tucuruí, quando voltava, todo mundo pegava gripe, catarro, aí morria muita gente. Eu conhecia doença.”

— “Eu sei como é agora, nós vamos acabar mesmo...”

— “Eu sei como é agora, nós vamos acabar mesmo...”

— “Vocês pode tomar conta, vocês cria, eu vou ficar só, porque eu sei que eu vou morrer sempre”.

— “Al eu fiquei aguentando, aguentando, morrendo, morrendo, já tava pouquinho. Eu digo:”

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vocês pode tomar conta, vocês cria, eu vou ficar só, porque eu sei que eu vou morrer sempre”.

— “Al eu fiquei aguentando, aguentando, morrendo, morrendo, já tava pouquinho. Eu digo:”

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vocês pode tomar conta, vocês cria, eu vou ficar só, porque eu sei que eu vou morrer sempre”.

— “Al eu fiquei aguentando, aguentando, morrendo, morrendo, já tava pouquinho. Eu digo:”

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vou entregar as crianças todas”.

— “Vou entregar as crianças todas”.